

Conversas com Susana Antonovna - parte 1

Um rapaz de modestos modos, posto que ostentoso na imaginação, fez amizade com certa taxista de Wisconsin, onde estiveram mais de uma vez. O senhor José Marcondes e Susana Antonovna conversavam muito, sobretudo quando ele chamava o taxi; talvez não por necessidade. Entretanto, as mais suaves inclinações são fruto da necessidade, e quem que escolhe fazer o que não e que for? Seja como for, ou como fosse, palreavam como gente grande, e me parece que porque eram ingênuos e recolhidos como crianças. Eis uma de suas conversas: - Da mercearia pude ver que eras a motorista. Mundo pequeno.-- Declarou o Sr. Marcondes, com uma sacola na mão, adentrando a van amarela e pondo automaticamente a mão sob o queixo para melhor mirar a paisagem, invernal, que muito o deleitava. Era desleixado nos modos e voluptuoso no se encher de impressões, mas todo o seu espírito era movido por uma cautelosa humildade que lhe fazia repensar suas palavras em pensamento, e repensar o pensamento em pensamento, de um modo um concentrado demais, se bem que pouco linear. Era um homem sozinho que, no entanto, se podia dizer casara com a reflexão. - Ah sim?! -- tornou a Sra. Antonovna com estupefação e perplexa amistosidade, cuidando que ele sabia bem que em uma cidade de quatro mil habitantes o encontro era de se esperar. A dizer a verdade, a amistosidade dela não era tão estupefação que não vibrasse, nem tão vibrante que lhe tirasse da mesma posição, como é comum entre os taxistas. - Ouvi o discurso sobre economia de um cara chamado Peter Schiff, no youtube, hoje pela manhã. -- Declarou Marcondes. - O que ele tinha para dizer de novo? -- Perguntou a Sra. Antonovna. - Nada, eu asseguro. Mas não é culpa dele, e nem minha, porque eu não creio ter feito nada errado. É que já vira esse mesmo vídeo muitas vezes. A economia, por mim, me parece ser um tipo de ciência na qual ninguém diz novidades, tanto mais quanto seja isso precisamente o contrário do que a audiência dos assuntos a si relativos deseja. O Peter Schiff, no entanto, quebra a regra que acabei de anunciar: ele não é nada aborrecido para se ouvir, seja pela novidade, seja porque ele fala bem. -Alguma nota particular, nele? -- Perguntou a Sra. Antonovna. - Nenhuma -- respondeu Marcondes com um ligeiro -- exceto que ele usou a expressão "Geel!", isto é, "Jesus!", quando recordava um caso. Em português falamos algo diferente, "credo!", ou algo assim. - "Credo!"? -- repetiu de si para si a Sra. Antonovna. -- O que significa isso? - É "creio" em latim. Também, sobretudo como raiz dessa exclamação, tem a expressão de uma profissão de fé, ou crença cristalizada em uma fórmula; essa profissão de fé, o Credo, tem o nome extra, se não me engano, de "smbolo dos apóstolos". Pelo menos é o que eu ouvi dizer, a respeito do catolicismo. - Aposto que o senhor sabe essa fórmula de cor -- observou Susana. - Eu receio que você tenha perdido a aposta; ou antes, eu quem perdi com essa observação. -- Declarou o Sr. Marcondes. - O quê? -- perguntou a Sra. Antonovna. - A ilusão de ser uma pessoa piedosa, isto é, dedicada a religião. Essa ilusão é um daqueles tesouros que existem enquanto não se lhe notam, e sucede que me o tiraste agora. -- respondeu o Sr. Marcondes, ironizando a si mesmo, e acaso perguntando-se o que Deus acharia de semelhantes palavras. - Vamos, senhor! O Credo não pode ser muito longo. Decore-o hoje de uma vez por todas. -- Disse a Sra. Antonovna, procurando animá-lo. - Não é apenas o Credo -- tornou o Sr. Marcondes, reflexivo -- que no catolicismo, me parece às vezes, tudo está ligado a tudo, e se desconheces algum detalhe, desconheces a coisa toda, se não conheces a coisa toda, qualquer detalhe é incompreensível. - Quantos detalhes há aí, meu Deus? -- Perguntou a Sra. Antonovna com sincera angústia e identificação, posto que suaves em aparência, como tudo nela. O Sr. Marcondes sorriu e, fitando as encostas que passavam no correr do carro, se perguntou o mesmo. - A doutrina católica é dividida em artigos -- principiou ele depois de um instante --, sendo tu bastante católica em religião, se não de todo, ao menos um pouco, talvez o ignore? - Ignoro um pouco, mas essa ideia em si me é familiar. -- Respondeu a Sra. Antonovna, fitando-lhe rapidamente desde o espelho retrovisor com a bochecha levantada, como quem dissesse "merece o mesmo a humilhação de ser confrontada com a minha ignorância?". Oh, leitor, não lhe queiras mal pelo amor próprio; nem ao Sr. Marcondes pela inadvertência. Sucede que todo mundo conhece mais do que parece, e se tal não é verdade, é de se admirar que não seja. É possível, como sucedeu comigo mesmo, ouvir dezenas de citações de Henry James, e ao cabo ser confrontado com a ignorância do mesmo. É em vistas disso, note-se, que se exclamou acima (gestualmente), e com certa propriedade, "merece o mesmo a humilhação de ser confrontada com a minha ignorância"? - Pois ouve isso -- tornou o Sr. Marcondes, ignorando todo o conflito interior da interlocutora e, acalorado, se pondo a discutir --, decerto não ignoras que artigo vem da ideia de articulação, ou junta. Isso porque a junta está relacionada a diferentes membros, como o cotovelo ao braço e ao antebraço. Se usa o termo artigo, aplicado a doutrina, portanto, porque a doutrina é considerada um conjunto de juntas, cujo significado particular é ligado ao significado do todo. Cada artigo se liga a quele que o segue. - Compreender um artigo isolado, portanto, leva tempo... -- Concluiu a Sra. Antonovna -- E receio que tal empreendimento seja bastante enfadonho. - A maioria das pessoas que deram atenção a parte mais elementar da doutrina foi de opinião diferente, ao menos considerando que houve briga a respeito. -- respondeu o Sr. Marcondes. - Que briga? -- Perguntou a Sra. Antonovna. - Imagina que desde sempre foi controverso o reconhecer a Santíssima Trindade, a saber, que Deus é um só, que no entanto as pessoas divinas são três, e que há certas características tradicionalmente atribuídas a cada uma delas. - Eu sei, o Pai, o Filho e o Espírito santo. -- complementou a Sra. Antonovna. - Sim. -- Confirmou o Sr. Marcondes. - Para mim é difícil acreditar em Deus -- confessou a Sra. Antonovna -- na Santíssima Trindade... eu receio que seja até mais difícil. - O que para mim é assunto, ou objeto, para perplexidade. -- Declarou o Sr. Marcondes. -- Acreditar em Deus,

Sobre o Autor